

## ANOTAÇÕES SOBRE EL BRASIL INTELECTUAL: IMPRESIONES Y NOTAS LITERÁRIAS, DE MARTÍN GARCÍA MEROU

Luiz Roberto Velloso Cairo

*El estudio de un ser viviente se compone, en gran parte, del estudio de las relaciones que lo unen á los seres vecinos. Del mismo modo, no hay literatura cuya hitoria se encierre en los límites de su país de origen.*

Joseph Texte

Por volta dos anos 80, quando desenvolvia um projeto de pesquisa sobre a obra crítica de Araripe Júnior, que resultou na tese de Doutorado, *O salto por cima da própria sombra. O discurso crítico de Araripe Júnior: uma leitura*, encontrei no conjunto da obra do crítico alguns textos contendo reflexões sobre a cultura e a literatura latino-americanas, que me despertaram a curiosidade, porque o momento no qual o autor exercia a sua atividade crítica era ainda muito marcado, na literatura brasileira, pela busca da identidade nacional. Busca esta que, se de um lado nos aproximava das demais literaturas latino-americanas, pelo fato de estarem vivendo um momento semelhante, de outro nos afastava por conta deste instante ser marcado pelo empenho na construção da nacionalidade da literatura brasileira, o que nos levou a um maior ensimesmamento, e pela circunstância lingüística de nos expressarmos em língua portuguesa.

Dentre os textos encontrados, destacaria principalmente os dedicados ao escritor argentino Martín García Merou, que, em 1896, iniciou a publicação de uma série de artigos sob a rubrica “El Brasil Intelectual”, no periódico *La Biblioteca*, de Buenos Aires, com o objetivo de divulgar a produção científica e literária brasileira entre os seus conterrâneos. Estes artigos, posteriormente, foram reunidos e, em 1900, sob a forma de livro, publicados pelo editor Felix Lajouane, em Buenos Aires, com o título *El Brasil Intelectual: impresiones y notas literarias*, por ocasião da visita diplomática à Argentina, de Campos Sales, na época, Presidente do Brasil.

Quando tomei conhecimento deste material que, por motivos diversos, naquele momento, não utilizei na pesquisa, constatei que tinha em mãos um interessante e raro diálogo que se estabeleceu, em fins do século XIX e início do século XX, entre o intelectual argentino e alguns escritores brasileiros.

Num primeiro momento, minha atenção voltou-se obviamente para a exploração dos textos que, de certa forma, estabeleciam um diálogo entre Araripe Júnior e Martín García Merou, o que me levou a escrever o artigo “Don Martín García Merou: repercussões de um escritor argentino na crítica literária brasileira do século XIX” (Cairo, 1993, p. 182-193).

Em seguida, montei o projeto de pesquisa “Os críticos brasileiros do século XIX e *El Brasil Intelectual: impresiones y notas literarias*, de Martín García Merou: um diálogo latino-americano”, com o objetivo de explorar os eventuais diálogos do argentino com os intelectuais brasileiros por ele abordados.

Desde então, escrevi os artigos “Martín García Merou e José Veríssimo: um diálogo latino-americano”(Cairo, 1996, p. 57-66), “Martín García Merou: um olhar portenho sobre Sívio Romero”(Cairo, 1999, p. 133-141), e “Martín García Merou e o Visconde de Taunay: considerações em torno de um diálogo latino-americano”(Cairo, 1998).

A publicação deste livro aparentemente inusitado de Merou parece justificar-se, não apenas pelos festejos diplomáticos em torno da viagem do Presidente brasileiro à Argentina, mas também pela perplexidade manifestada pelo autor, logo nas primeiras

páginas, frente à constatação de que dentre as literaturas sul-americanas, a brasileira era a menos conhecida dos argentinos. Ele não consegue entender como uma literatura de indiscutível valor, tão próxima geográfica e culturalmente, pudesse passar despercebida aos olhos dos lectores do seu país e dos demais países sul-americanos.

De todas las literaturas sudamericanas, ninguna es tan poco conocida entre nosotros como la del Brasil. (Merou, 1900, p. 1)

Por mi parte no vacilo en confesar que, sorprendido de la variedad y valor real de la producción literaria brasilera, me he preguntado mas de una vez, como es que ella puede pasarnos hasta hoy casi inapercebida. El Brasil está ligado á nuestro país por vínculos estrechos. (1900, p. 3)

Ao fazer esta reflexão, constata que, em relação às obras dos escritores hispano-americanos, o conhecimento dos argentinos era um pouco melhor, mas ainda assim estava longe de ser o ideal:

De tarde en tarde, com mayor ó menor dificultad, jadeante y fatigado por la larga travesía, recibimos uno que outro livro de nuestros hermanos del Perú, de Méjico, de Venezuela ó Colombia. Sin ser un vaso común, á veces un nombre dotado de mayor resonancia, rompe la indiferencia reinante y vence la incomunicación intelectual que separa las secciones de nuestro continente. Sólo por una rara excepción, una obra nacida bajo una estrella propicia, adquiere entre nosotros carta de ciudadanía, como acontece con ese tierno idilio que Estrada tuvo el mal gusto de comparar con *Graziela*, y la *María* de Jorge Isaacs, se convierte en el breviario amoroso de las cándidas imaginaciones de quince años. El grueso de la producción científica ó literaria, la historia, la crítica, los estudios jurídicos, están destinados à reposar, como en una muda necrópolis, en las bibliotecas públicas ó en medio de las colecciones valiosas de los eruditos de raza, que sólo muy raras veces hojean sus páginas polvorosas Este triste destino, es el lote general de toda la labor intelectual del nuevo mundo. (1900, p. 1-2)

Nesta mesma direção, observa que o mesmo acontecia com a repercussão dos escritores argentinos, que apenas excepcionalmente conseguem atravessar a fronteira dos demais países americanos:

En cuanto respecta á nosotros, los únicos nombres literarios que han salvado las fronteras de la patria son los de Guido Spano y Andrade, para no referirme al de Mármol, algo envejecido, pero cuyas imprecaciones contra Rosas despiertan todavía el entusiasmo de una parte de la juventud sudamericana. Las huellas de Sarmiento y Alberdi quedan grabadas en Chile, aunque menos vivientes que las de don Andrés Bello; pero sería excusado buscar fuera de aquel país y del escaso número de iniciados á que acabo de referirme, quienes conozcan los *Recuerdos de Provincia* o la *Peregrinación de Luz del Día*. (1900, p. 2)

No caso do Brasil, a indiferença dos argentinos, conforme registra, não era compreensível, não só em função do talento e refinamento de seus escritores e intelectuais, como também pelo fato de terem tido experiências históricas comuns:

Nuestra historia política está en contacto com la suya, desde la época colonial. Hemos cruzado nuestras armas en guerras gloriosas, hemos favorecido juntos el nacimiento de otras nacionalidades, hemos luchado después en las mismas filas, en una campaña brillante pero deplorable; nuestros intereses comerciales son solidarios

y los productos de nuestro suelo se complementan; la extensa línea de nuestras fronteras facilita la amistad de pueblo á pueblo; nuestras grandes capitales, los centros pensantes y dirigentes de ambos países, están apenas á tres días de navegación; finalmente, hemos vaciado en el mismo molde nuestras instituciones políticas y hemos chocado con los mismos obstáculos al llevar á la práctica sus principios liberales.

(MEROU, 1900, p. 3-4)

O desamparamento de Merou leva-o a fazer algumas indagações:

Cómo comprender, com estos antecedentes, el alejamiento respectivo en que vivimos? Cómo disculpar la mutua ignorancia en que nos hallamos de nuestras modalidades nacionales, de nuestras virtudes nativas, de nuestro estado de civilización y de cultura, de la forma é importancia de nuestra producción intelectual? (1900, p. 4)

Estas indagações por sua vez o conduzem a outras que antecederem às primeiras:

Tenemos realmente una cultura artística propia, algo que pueda llamarse una literatura nacional, ó estamos en condiciones de tenerla?... Podemos abrigar la pretensión de haber conseguido lo que es todavia un desideratum para naciones que han llegado al grado de desarrollo de los Estados Unidos?... (1900, p. 4)

Ao tentar responder estas questões, percebe a necessidade de mapear o problema e acaba aproximando e, conseqüentemente, isolando dos demais países americanos os Estados Unidos e o Brasil. Isto porque, partindo de uma interpretação marcada pelo determinismo, ora mesológico, ora etnológico, tende inicialmente a uma generalização:

Aquí como allí, la influencia del medio modificó profundamente el alma de la raza colonizadora. (1900, p. 6)

No caso norte-americano, apoiando-se na leitura de *American Literature* de John Nichol, afirma que, nos Estados Unidos, as condições físicas e as circunstâncias morais amoldaram o anglo-saxão de tal forma que ao aproximar seus feitos aos do nativo, nele “estampa” um novo caráter. No caso do Brasil, embasa-se na teoria da Obnubilação Brasileira de Araripe Júnior, para dizer que o fenômeno de transformação e posterior adaptação ao meio físico e ao ambiente primitivo por que passaram os colonos dos três primeiros séculos ao atravessarem o Atlântico, aliado à docilidade dos nativos, favoreceram um entrosamento entre ambos que possibilitou o prolongamento e a continuação da cultura européia.

Tomando por base o *Curso Elementar de literatura nacional* do Cônego Fernandes Pinheiro, vê os precursores da literatura brasileira – Durão, Basílio da Gama, Caldas, os Alvarengas e Cláudio Manuel da Costa - como um reflexo do pensamento dos poetas portugueses, da mesma forma como vê as manifestações espirituais dos Estados Unidos se perderem no vasto tesouro da Inglaterra.

Los brasileiros podrían encabezar la lista de sus vates com el nombre de Camoens, com igual derecho al de aquella dama americana que, á una pregunta respecto á los poetas de su nación, que le dirigió un crítico inglés: “Entre otros – respondió – contamos com Chaucer, Shakespeare y Milton”. (1900, p. 6)

Este tipo de interpretação o conduziu à crença de que:

La influencia de nuevas gentes, la facilidad del contacto com los pueblos del viejo mundo, las corrientes inmigratorias, que se difunden en todo los ámbitos del país, y que luchan sin tregua por el sometimiento de la naturaleza, son otras tantas causa que en el Brasil concurren para que la acción del medio se debilite, en detrimento de la originalidad individual. Consecuencia de estos hechos, es el espíritu de imitación que estraga la cultura intelectual de aquella nación, como la de la república del Norte. (1900, p. 7)

Para Merou, parece que o espírito de imitação que conduz a predileção dos artistas pela ilustração na Europa seria um traço que diferencia os povos dos Estados Unidos e do Brasil dos demais do continente americano. O que, hoje, sabemos não ser pertinente, pois nenhum país da sul-americano ficou imune a esta ilustração.

Em texto de 1985, intitulado “A dimensão utópica da ilustração”, Antonio Candido coloca, ao contrário de Merou, que:

Os países da América Latina realizaram a sua independência política sob o fluxo da Ilustração. Os seus promotores assumiram alguns princípios desta, que atuaram como fator de unidade dentro da grande diversidade das culturas existentes entre o México e a Terra do Fogo. Um desses princípios pode ser expresso por meio das seguintes proposições (1) o saber trará a felicidade dos povos, (2) este saber é aquele que veio da Europa, trazido pelo colonizador, (3) os detentores deste saber formam uma elite que deve orientar o destino das jovens nações. A principal consequência foi a idéia de que o saber seria difundido por todos, a partir das luzes de poucos. (Candido, 1999, p. 91)

Infelizmente a má distribuição da riqueza na América continua não dizendo respeito apenas à economia, mas também, proveniente desta visão ilustrada, à cultura, à literatura, à arte e à ciência que acabam constituindo instrumentos de poder a serviço de uma elite, conforme Antonio Candido observa com muita lucidez:

A história dos ideais ilustrados na América Latina tem às vezes um sabor quase trágico de perversão dos intuitos ostensivos, porque acabaram funcionando como fatores de exclusão, não de incorporação, de sujeição, não de liberdade. Este fato nem sempre chegou ao nível da consciência clara, tanto nos grupos dominantes quanto nos dominados; tornou-se uma espécie de perplexidade, como se os objetivos ideais fossem ficando sempre para mais adiante. (1999, p. 91).

Retomando as questões levantadas por Merou, no que se refere ao histórico alijamento da produção científica e literária brasileira por parte dos leitores da Argentina e dos demais países sul-americanos, os motivos que se costumam colocar para justificá-lo são principalmente a diferença lingüística e as imagens preconceituosas que os espanhóis nutriam em relação aos portugueses.

Durante o processo de colonização da América Latina, a Espanha, realmente, gozava de maior prestígio que Portugal, por isso talvez o Brasil fosse visto pelos hispano-americanos com um certo desprezo resultante de sua aparente “inferioridade cultural”.

Quando de sua estadia no Brasil, Merou curiosamente constata a existência de uma interessante efervescência cultural, graças ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, fundado em 1838, no Rio de Janeiro, onde:

El cultor de las letras, el investigador tranquilo y asiduo de la historia patria, encontraban un centro propicio y silencioso, en que unir sus esfuerzos y colaborar en la obra benéfica de su civilización y su progreso moral. (1900, p. 20)

Esta efervescência desfaz a imagem pré-concebida da excolônia portuguesa, a ponto de lamentar que, na Argentina, a realidade, fosse bem diferente, naquele momento:

Ay! en aquel mismo año, las sombras de la dictadura trataban de apagar todos los destellos de la inteligencia argentina! Alberdi se alejaba de la tierra de su cuna, para no deprimir su alma jurando fidelidad al déspota, é iba á encontrar en playas extrañas á Sarmiento, á Mitre, á Mármol, á Gutiérrez, dispersos por la ola de la barbarie. Quien puede calcular cuál sería el grado de nuestro desarrollo actual, se eliminaríamos de nuestra historia medio siglo de anarquía y de guerras intestinas? (1900, p. 20)

A perplexidade de Merou frente ao desconhecimento mútuo entre os povos americanos me lembraram a observação de José Veríssimo num texto intitulado “Um americano e a literatura americana”, publicado em *Homens e coisas estrangeiras*, 1ª série, onde ele diz:

Pouquíssimo sabemos nós, brasileiros, das literaturas americanas, e não sei se eu não poderei, generalizando, afirmar que pouquíssimo sabemos nós, americanos, da literatura uns dos outros. Nessa nossa comum e recíproca ignorância, os Estados Unidos, não obstante sua supremacia no continente, não têm quinhão consideravelmente menor do que o México ou a Venezuela, por exemplo. Ignoramo-los intelectualmente quase tanto como ao Chile ou à Argentina. (Broca, 1998, p. 68)

Nesta mesma linha, Brito Broca por volta de 1946, num texto intitulado “O Brasil e as literaturas latino-americanas”, hoje incluído na coletânea *Americanos*, escreveu:

Não se compreende como os países latino-americanos permanecem no desconhecimento recíproco das respectivas literaturas. Dizemos apenas nos países latino-americanos, porque hoje, não só no Brasil, mas em todo o continente, já não reina a ignorância de outrora com relação aos Estados Unidos. (...) Entretanto, dos nossos vizinhos de língua espanhola continuamos a conhecer somente duas ou três figuras de proa, mostrando a mais completa indiferença pelos valores que entre eles ainda possa existir. (Broca, 1998, p. 66)

Naquele momento, chegou mesmo a presentear os leitores com uma generosa sugestão:

Seria um trabalho curioso e de grande importância documentária historiar as nossas manifestações isoladas e fugazes de interesse pelas literaturas do Norte e do Sul. (1998, p. 67)

Neste texto, vale observar Brito Broca, referindo-se à ignorância do leitor brasileiro à novela *María*, de Jorge Isaacs, sobre a qual escrevera em 1942, fato este registrado no passado por Merou, em relação ao desconhecimento da novela *Inocência*, do Visconde de Taunay, por parte dos hispanos:

Cuantos de los apasionados de María, sospechan que existe en el Brasil una dulce hermana de la heroína de Isaacs, aquella hermosa Innocencia, cuya historia há referido en una obra encantadora el vizconde de Taunay?... (Merou, 1900, p. 3)

Mais recentemente, Antonio Candido, no texto “Os brasileiros e a nossa América”, de 1986, comenta a existência de uma acentuada assimetria no modo como os dois blocos lingüísticos da América Latina se vêem, o que significa termos avançado muito pouco em direção ao auto-conhecimento, enquanto latino-americanos.

Ao longo das 469 páginas de, *El Brasil Intelectual: impresiones y notas literarias*, Martín García Merou discorre sobre as principais figuras da intelectualidade brasileira do final do século XIX. Figuras como Sílvio Romero, Tobias Barreto, José Veríssimo, Araripe Júnior, Visconde de Taunay, Joaquim Nabuco, Rui Barbosa, Alberto de Oliveira, Raimundo Corrêa, Fontoura Xavier, Francisca Júlia, Coelho Neto, Ferreira de Araújo, Carlos de Laet, Machado de Assis, Quintino Bocaiúva, Carlos Rodrigues, Tobias Monteiro, Inglês de Sousa, Aluísio Azevedo, Afonso Celso, Rodrigo Otávio e Manuel de Oliveira Paiva desfilam pelas páginas do livro sob o olhar do crítico portenho.

Através do olhar destas e sobre estas personalidades, Merou apresenta aos argentinos uma verdadeira história da cultura literária brasileira. Vale dizer que ao informar seus leitores, cruza seu olhar não só com o destas personalidades, como também com o olhar de outros hispano-americanos que já haviam escrito sobre Brasil, mas isto fica para outro momento.

#### Referências Bibliográficas:

- ARARIPE JÚNIOR, Tristão de Alencar. Gregório de Matos (Perfil Literário). *Obra crítica de Araripe Júnior* (Org. Afrânio Coutinho) Vol. 2. Rio de Janeiro: MEC-Casa de Rui Barbosa, 1960, p. 383-490.
- BROCA, Brito. *O Brasil e as literaturas latino-americanas. Americanos.* (Org. M. Gárate) Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1998, p. 63-73.
- CAIRO, Luiz Roberto. *O salto por cima da própria sombra.* São Paulo: Annablume, 1996.
- \_\_\_\_\_. *Don Martín García Merou: repercussões de um escritor argentino na crítica literária brasileira do século XX.* Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n°. 35. São Paulo: I.E.B.-USP, 1993, p. 182-193.
- \_\_\_\_\_. *Martín García Merou e José Veríssimo: um diálogo latino-americano. Literatura Comparada: ensaios.* (Orgs. E.L. Cunha e E.M. de Souza) Salvador-BA: EDUFBA, 1996, p. 57-66.
- \_\_\_\_\_. *Um olhar portenho sobre Sílvio Romero. Limiares críticos: ensaios de literatura comparada* (Orgs. R. Marques e G.N. Bittencourt) Belo Horizonte-MG: Autêntica, 1999, p.133-141.
- \_\_\_\_\_. *Martín García Merou e o Visconde de Taunay: considerações em torno de um diálogo latino-americano.* GT de Literatura Comparada. XIII Encontro Nacional da ANPOLL. Campinas-SP, junho/1998.
- CANDIDO, Antonio. *A dimensão utópica da ilustração.* Remate de Males. Número Especial Antonio Candido. Campinas-SP: Depto. De Teoria Literária / IEL – UNICAMP, 1999, p. 91-95.
- \_\_\_\_\_. *Os brasileiros e a nossa América. Recortes.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 130.
- MEROU, Martín García. *El Brasil Intelectual: impresiones y notas literarias.* Buenos Aires: Félix Lajouane, 1900.
- VERÍSSIMO, José. *Um americano e a literatura americana. Homens e coisas estrangeiras.* 1ª série. Rio de Janeiro: Garnier, 1902.